

A VIDA FALA

(Livro 1, 2 e 3)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Ditada pelo Espírito
NEIO LÚCIO

A VIDA FALA (Livros 1, 2 e 3)

INDICE

Do livro A Vida Fala I. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

A Galinha Afetuosa
O Elogio Da Abelha
O Poder Da Gentileza

Livro “A Vida Fala II”. Psicografia de Francisco Cândido Xavier

O Burro De Carga
Carneiro Revoltado

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

O Remédio Imprevisto
O Aprendiz Desapontado
A Lição Inesquecível

A VIDA FALA (Livros 1)

INDICE

Do livro A Vida Fala I. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

A Galinha Afetuosa
O Elogio Da Abelha
O Poder Da Gentileza

A GALINHA AFETUOSA

Neio Lúcio

Gentil galinha, cheia de instintos maternos, encontrou um ovo de regular tamanho e espalmou as asas sobre ele, aquecendo-o carinhosamente. De quando em quando, beijava-o, enternecida. Se saía a buscar alimento, voltava apressada, para que lhe não faltasse calor vitalizante. E pensava garbosa: - "Será meu pintainho! será meu filho!".

Em formosa manhã de céu claro, notou que o filhotinho nascia robusto.

Criou-o, com todos os cuidados. Um dia porém, viu-o fugir pelas águas de um lago, sobre as quais deslizava.

Chamou-o como louca:

...e não houve resposta. Ele era um pato arisco e fujão.

A galinha, voltou muito triste, ao velho poleiro.

-choquei um ovo de quem não pertencia a família...

Encontrou outro ovo... chocou-o.

Outra ave nasceu. Tratou-o com mil cuidados...

...e notou que não era pintainho.

Um dia, o corvinho voou, juntando-se a outros.

A galinha sofreu muitíssimo.

Embora resolvida a viver só, foi surpreendida certo dia, por outro ovo. Chocou-o.

Dentro de pouco o filhote surgia. A galinha afagou-o feliz.

Quando o filho estava crescendo:

- ora ele persegue ratos na sombra!

Durante o dia era um desastrado... ele parecia cego. À noite seus olhos brilhavam. Era uma corujinha que acabou fugindo da mãe.

A mãe chorou amargamente. Porém, encontrando outro ovo, buscou ampará-lo, a galinha ajudou-o como pôde, mas, o filho cresceu demais. Passou a mirá-la de alto a baixo. Era um pavãozinho orgulhoso que chegou mesmo a maltratá-la.

A carinhosa ave, dessa vez, desesperou em definitivo. Saiu do galinheiro gritando e dispunha-se a cair nas águas de rio próximo, em sinal de protesto contra o destino, quando grande galinha mais velha a abordou, curiosa, a indagar dos motivos de sua dor.

A pobre respondeu, historiando o próprio caso.

A irmã experiente estampou no olhar linda expressão de complacência e considerou, cacarejando:

- Que é isto amiga? não desespere. A obra do mundo é de Deus, nosso Pai. Há ovos de toda espécie inclusive os nossos, continue ajudando em nome do Poder Criador; entretanto, não se prenda aos resultados do serviço que pertencem a Ele e não a nós . Não podemos obrigar os outros a serem iguais a nós, mas é possível auxiliar a todos, de acordo com as nossas possibilidades. Entendeu?

O caminho humano estende-se, repleto de dramas iguais a este. Temos filhos, irmãos e parentes diversos que de modo algum se afinam com as nossas tendências e sentimentos. Trazem consigo inibições e particularidades de outras vidas que não podemos eliminar de pronto. Estimariamos que nos dessem compreensão e carinho, mas permanecem imantados a outras pessoas e situações, com as quais assumiram inadiáveis compromissos. De outras vezes, respiram noutros climas evolutivos.

Não nos aflijamos, porém.

A cada criatura pertence à claridade ou a sombra, a alegria ou a tristeza do degrau em que se colocou.

Amemos sem o egoísmo da posse e sem qualquer propósito de recompensa, convencidos de que Deus fará o resto.

Do livro A Vida Fala I. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

O ELOGIO DA ABELHA

Neio Lúcio

Grande mosca verde-azul, mostrando envaidecida as asas douradas pelo Sol, penetrou uma sala e encontrou uma abelha humilde a carregar pequena provisão de recursos para elaborar o mel.

A mosca arrogante aproximou-se e falou, vaidosa:

- Onde você surge, todos fogem. Não te sentes indesejável? Teu agulhão é terrível.

- Sim – disse a abelha com desapontamento -, creia que sofro muitíssimo quando sou obrigada a interferir. Minha defesa é, quase sempre, também a minha morte.

- Mas não podes viver com mais distinção e delicadeza? – tornou a mosca – por que ferretoar, a torto e a direito?

- Não minha amiga – esclareceu a interlocutora -, não é bem assim. Não sinto prazer em perturbar. Vivo tão-somente para o trabalho que Deus me confiou, que representa benefício geral. E, quando alguém me impede a execução do dever, inquieto-me e sofro, perdendo, por vezes, a própria vida.

-Creio, porém, que se tivesses modos diferentes... se polisses as asas para que brilhassem à claridade solar, se te vestisses em cores iguais às minhas, talvez não precisasses alarmar a ninguém. Pessoa alguma te recearia a intromissão.

- Ah! Não posso despender muito tempo em tal assunto... disse a abelha. O serviço não me permite a apresentação exterior muito primorosa, em todas as ocasiões. A produção de mel indispensável ao sustento da nossa colméia, e necessária a muita gente, não me ofereces ensejo a excessivos cuidados comigo mesma.

- Repara! – disse-lhe a mosca, desdenhosa – tuas patas estão em lastimável estado...

- Encontro-me em serviço – explicou-se a operária humildemente.

- Não! não! – protestou a mosca – isto é relaxamento.

E limpando caprichosamente as asas, a mosca recuou e aquietou-se, qual se estivesse em observação.

Nesse instante, duas senhoras e uma criança penetraram o recinto e, notando a presença da abelha que buscava sair ao encontro de companheiras distantes, uma das matronas gritou, nervosa:

- Cuidado! cuidado com a abelha! Fere sem piedade!...

A pequeninha trabalhadora alada dirigiu-se para o campo e a mosca soberba a exhibir-se, voando despreocupada.

-Que bonita, parece uma jóia. Que maravilha!

A mosca preguiçosa planou... planou... e, encaminhando-se para a copa, penetrou o guarda-comida, deitou varejeiras na massa dos pastéis e infectou pratos diversos ..., e pousou-lhe na cabeça, infeccionando certa região que se achava ligeiramente ferida.

Decorridas algumas horas, sobravam preocupações para toda a família. A encantadora mosca verde-azul deixara imundície e enfermidade por onde passara.

Quantas vezes sucede isto mesmo, em plena vida?

Há criaturas simples, operosas e leais, de trato menos agradável, à primeira vista, que, à maneira da abelha, sofrem sarcasmos e desapontamentos por bem cumprir a obrigação que lhes cabe, em favor de todas; e há muita gente de apresentação brilhante, quanto a mosca, e que, depois de seduzir-nos a atenção pela beleza da forma, nos deixa apenas larvas da calúnia, da intriga, da maldade, da revolta e do desespero no pensamento.

Do livro A Vida Fala I. Psicografia de Francisco Cândido Xavier

O PODER DA GENTILEZA

Neio Lúcio

Eminente professor negro, interessado em fundar uma escola num bairro pobre, onde centenas de crianças desamparadas cresciam sem o benefício das letras, foi recebido pelo prefeito da cidade.

O prefeito ouvir-lhe o plano e disse-lhe:

- A lei e a bondade nem sempre podem estar juntas. Organize uma casa e autorizaremos a providência.

O benfeitor dos meninos desprotegidos considerou:

- Mas doutor, não dispomos de recursos... Que fazer?

- De qualquer modo, cabe-nos amparar os pequenos analfabetos.

Diante de sua figura humilde, o prefeito disse:

- O senhor não pode intervir na administração.

O professor muito triste, retirou-se e passou a tarde e a noite daquele sábado, pensando, pensando...

Domingo, muito cedo saiu a passear, sob as grandes árvores, na direção de antigo mercado.

Ia comentando, na oração silenciosa:

Senhor? - Meu Deus como agir? Não receberemos um pouso para as criancinhas,

Absorvido na meditação, atingiu o mercado e entrou.

O movimento era enorme. Muitas compras. Muita gente.

Certa senhora, de apresentação distinta, aproximou-se dele e tomando-o por servidor vulgar, de mãos desocupadas e cabeça vazia, exclamou:

- Meu velho, venha cá.

O professor acompanhou-a sem vacilar.

À frente dum saco enorme, em que se amontoavam mais de trinta quilos de verdura, a matrona recomendou:

- Traga-me esta encomenda.

Colocou ele o fardo às costas e seguiu-a.

Caminharam seguramente uns quinhentos metros e penetraram elegante vivenda, onde a senhora voltou a solicitar:

- Tenho visitas hoje. Poderá ajudar-me no serviço geral?

- Perfeitamente – respondeu o interpelado -, dê suas ordens.

Ela indicou pequeno pátio e determinou-lhe a preparação de meio metro de lenha para o fogão.

Empunhando o machado, o educador, com esforço, rachou algumas toras.

Em seguida, foi chamado para retificar a chaminé. Consertou-a com sacrifício da própria roupa.

Sujo de pó escuro, da cabeça aos pés, recebeu ordens de buscar um peru assado. Pôs-se a caminho, trazendo o grande prato em pouco tempo. Logo mais, atirou-se à limpeza de extenso recinto em que se efetuará lauto almoço.

Nas primeiras horas da tarde, sete pessoas davam entrada no fidalgo domicílio. Entre elas, relacionava-se o prefeito que anotou a presença do visitante da véspera, apresentado ao seu gabinete por autoridades respeitáveis.

Reservadamente, indagou sua irmã, que era a dona da casa, quanto ao novo conhecimento, conversando ambos na surdina.

Ao fim do dia, a matrona distinta e autoritária, com visível desapontamento, veio ao servo improvisado e pediu o preço dos trabalhos.

- Não pense nisto – respondeu com sinceridade -, tive muito prazer em ser-lhe útil.

No dia imediato, contudo, a dama da véspera procurou-o, na sua casa modesta em que se hospedava e, depois de rogar-lhe desculpas, anunciou-lhe a concessão de amplo edifício, destinado à escola que pretendia estabelecer. As crianças usariam o patrimônio à vontade e o prefeito autorizaria a providência com satisfação.

O professor teve os olhos úmidos a alegria e o reconhecimento... e agradecendo e beijou-lhe as mãos, respeitoso.

A bondade dele vencera os impedimentos legais.

O exemplo é mais vigoroso que a argumentação.

A gentileza está revestida, em toda parte, de glorioso poder.

Do livro A Vida Fala I. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

A VIDA FALA (Livros 2)

INDICE

Livro “A Vida Fala II”. Psicografia de Francisco Cândido Xavier

O Burro De Carga
Carneiro Revoltado

BURRO DE CARGA

Neio Lúcio

No tempo em que não havia automóveis, na cocheira de famoso palácio real um burro de carga curtiá imensa amargura, em vista das pilhérias e remoques dos companheiros de apartamento.

Reparando-lhe o pelo maltratado, as fundas cicatrizes do lombo e a cabeça tristonha e humilde, aproximou-se formoso cavalo árabe, que se fizera detentor de muitos prêmios.

- Triste sina a que você recebeu! Não Inveja minha posição nas corridas? Sou acariciado por mãos de princesas e elogiado pela palavra dos reis!

- Pudera! - como conseguirá um burro entender o brilho das apostas e o gosto da caça?

O infortunado animal recebia os sarcasmos, resignadamente.

-Esse burro é um covarde! Sofreu nas mãos do bruto amansador, sem dar ao menos um coice. É vergonhoso suportar-lhe a companhia

Outro soberbo cavalo, de procedência húngara, entrou no assunto e comentou:

Um jumento espanhol acercou-se e acentuou sem piedade:

- Lastimo reconhecer neste burro um parente próximo. É um desonrado, fraco, inútil... Desconhece o amor-próprio. Eu só aceito o deveres dentro de um limite; Se abusam, pinoteio e sou capaz de matar.

As observações insultuosas não haviam terminado, quando o rei penetrou o recinto, em companhia do chefe das cavalariaças.

- Preciso de um animal para serviço de grande responsabilidade - informou o monarca -, animal dócil e educado, que mereça absoluta confiança.

O empregado perguntou:

Não prefere o árabe, Majestade?

- Não, não - falou o soberano -, é muito altivo e só serve para corridas em festejos oficiais sem maior importância.

- Não quer o potro inglês?

- De modo algum. É muito irrequieto e não vai além das extravagâncias da caça.

- E o húngaro? Não deseja o húngaro?

- Não, não. É bravio, sem qualquer educação. É apenas um pastor de rebanho.

- O jumento serviria? - insistiu o servidor atencioso.

- De maneira nenhum. É manhoso e não merece confiança.

Decorridos alguns instantes de silêncio, o soberano indagou:

- Onde está o meu burro de carga?

O chefe das cocheiras indicou-o, entre os demais.

O próprio rei puxou-o carinhosamente para fora, mandou ajazá-lo com as armas resplandcentes de sua Casa e confiou-lhe o filho, ainda criança, para longa viagem.

Assim também acontece na vida.

Em todas as ocasiões, temos sempre grande número de amigos, de conhecidos e companheiros, mas somente nos prestam serviços de utilidade real aqueles que já aprenderam a suportar, servir e sofrer, sem cogitar de si mesmos.

Livro “A Vida Fala II”. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

CARNEIRO REVOLTADO

Neio Lúcio

Certo carneiro muito inteligente, mas indisciplinado, reparou os benefícios que a lã espalhava em toda parte, e, desde então, julgou-se melhor que os outros seres da Criação, passando a revoltar-se contra a tosquia.

– Se era tão precioso – pensava –, porque aceitar a humilhação daquela tesoura enorme? Experimentava intenso frio, de tempos a tempos, e, despreocupado das ricas rações que recebia no redil, detinha-se apenas no exame dos prejuízos que supunha sofrer.

Muito amargurado, dirigiu-se ao Criador.

– Meu Pai, não estou satisfeito com a minha pelagem. A tosquia é um tormento... Modifica-me, Senhor!...

O Todo-Poderoso indagou, com bondade:

– Que desejas que eu faça?

Vaidosamente, o carneiro respondeu:

– Quero que a minha lã seja toda de ouro.

A rogativa foi satisfeita. O carneiro tornou-se de ouro.

Assim que o orgulhoso ovino se mostrou cheio de pêlos preciosos, várias pessoas ambiciosas atacaram-no sem piedade. Arrancaram-lhe, violentamente, todos os fios, deixando-o em chagas.

O infeliz, a lastimar-se, correu para o Altíssimo e implorou:

– Meu Pai, muda-me novamente! Não posso exibir lã dourada, encontraria sempre salteadores sem compaixão.

O Sábio dos Sábios perguntou:

– Que queres que eu faça?

O carneiro, com mania de grandeza, suplicou:

– Quero que a minha lã seja lavrada em porcelana primorosa.

E o carneiro teve sua lã transformada em porcelana.

Logo que tornou ao vale, apareceu no céu enorme ventania, que lhe quebrou todos os fios, dilacerando-lhe a carne.

Aflito, queixou-se ao Todo-Misericordioso:

– Pai, renova-me!... A porcelana não resiste ao vento... estou exausto...

Disse-lhe o Senhor:

– Que desejas que eu faça?

O carneiro nem pensou e foi dizendo:

– Para não provocar os ladrões e nem me ferir com porcelana quebrada, quero que a minha lã seja feita de mel.

O Criador satisfez o pedido. A lã do carneiro tornou-se do mais puro mel.

Mas, logo que o pobre se achou no redil, bandos de moscas asquerosas cobriram-no em cheio e, por mais corresse campo afora, não evitou que elas lhe sugassem os fios adocicados.

O mísero voltou ao Altíssimo e implorou:

– Pai, modifica-me... as moscas deixaram-me em sangue!

O Senhor indagou, de novo. – Que queres que eu faça?

Dessa vez, o carneiro pensou mais tempo e considerou:

Eu seria mais feliz se tivesse minha lã semelhante às folhas de alface.

Atendido, voltou à planície, na caprichosa alegria de parecer diferente dos demais.

Quando alguns cavalos lhe puseram os olhos no carneiro, ele não conseguiu melhor sorte que das outras vezes. Os eqüinos prenderam-no com os dentes e, depois de lhe comerem a lã, abocanharam-lhe o corpo.

O carneiro correu na direção do Juiz Supremo, gotejando sangue das chagas profundas, e, em lágrimas, gemia:

O Todo-Compassivo, vendo que ele se arrependera com sinceridade, observou:

– Reanima-te, meu filho! Que pedes agora?

– Meu Pai, não suporto mais!...

O infeliz replicou, em pranto:

– Pai, quero voltar a ser um carneiro comum, como sempre fui. Não pretendo a superioridade sobre meus irmãos.

E terminou: Quero ser simples e útil, qual o Senhor me fez!...

- Hoje sei que meus tosquiadores são meus amigos. Nunca me deixaram ferido e sempre me deram de beber e de comer.

O Pai sorriu, bondoso, abençoou-o com ternura e falou:

– Volta e sega seu caminho em paz. Você compreendeu enfim, que meus desígnios são justos. Cada criatura está colocada, por minha Lei, no lugar que lhe compete e, se pretendes receber, aprende a dar.

Então o carneiro, envergonhado, mas satisfeito, voltou para o vale, misturou-se com os outros e daí por diante foi muito feliz.

Livro “A Vida Fala II”. Psicografia de Francisco Cândido Xavier

A VIDA FALA (Livros 3)

INDICE

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

O Remédio Imprevisto
O Aprendiz Desapontado
A Lição Inesquecível

O REMÉDIO IMPREVISTO

Neio Lúcio

O pequeno príncipe Julião andava doente e abatido.

Não brincava, não estudava, não comia.

Perdera o gosto de colher os pêssegos saborosos do pomar. Esquecera a peteca e o cavalo.

Vivia tristonho e calado no quarto, esparramado numa espreguiçadeira.

Enquanto a mãezinha, aflita, se desvelava junto dele, o rei experimentava muitos médicos.

Os facultativos, porém, chegavam e saíam, sem resultados satisfatórios.

O menino sentia grande mal-estar. Quando se lhe aliviava a dor de cabeça, vinha-lhe a dor nos braços. Quando os braços melhoravam, as pernas se punham a doer.

O soberano, preocupado, fez convite público aos cientistas do País. Recompensaria nababescamente a quem lhe curasse o filho.

- Que todos saibam de minha disposição.

Avisaremos a todos majestade disse seu auxiliar.

Depois de muitos médicos famosos ensaiarem, em balde, apareceu um velhinho humilde que propôs ao monarca diferente medicação.

- Qual será o preço do tratamento ? perguntou o rei.

- Nada quero... respondeu o velhinho. Desejo apenas plena autoridade sobre seu filho.

O pai aceitou as condições e, no dia imediato, o menino foi entregue ao ancião.

O sábio anônimo conduziu-o a pequeno trato de terra e recomendou-lhe arrancasse a erva daninha que ameaçava um tomateiro.

- vamos meu filho! Arranque a erva daninha.

— Não posso! estou doente! — gritou o menino.

O velhinho convenceu-o, sem impaciência, de que o esforço era necessário e, em minutos breves, ambos libertavam as plantas da erva invasora.

Antes do meio-dia, Julião disse ao velho que sentia fome, O sábio humilde sorriu, contente, enxugou-lhe o suor copioso e levou-o a almoçar.

- Sirva-se à vontade, Julião. Disse o velho

O jovem devorou a sopa e as frutas, gostosamente.

Após ligeiro descanso, voltaram a trabalhar.

No dia seguinte, o ancião levou o príncipe a servir na construção de pequena parede.

- Vamos levantar uma parede disse o velho a Julião.

-Eu não sei

- Quem não sabe aprende, Julião respondeu o velho.

À tarde sua fome era maior.

Novo programa foi traçado para Julião. Após o banho matinal, cavava a terra. Almoçava e repousava.

Ao entardecer, estudava e a noitinha, brincava e passeava com jovens da mesma idade.

Transcorridos dois meses, Julião era restituído à autoridade paternal, rosado, robusto e feliz. Ardia, agora, em desejos de ser útil, ansioso por fazer algo de bom. Descobrira, enfim, que o serviço para o bem é a mais rica fonte de saúde.

O rei, muito satisfeito, tentou recompensar o velhinho.

Todavia, o ancião esquivou-se, acrescentando:

— Grande soberano, o maior salário de um homem reside na execução da Vontade de Deus, através do trabalho digno. Ensina a glória do serviço aos teus filhos e tutelados e o teu reino será abençoado, forte e feliz.

Dito isto, desapareceu na multidão e ninguém mais o viu.

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

O APRENDIZ DESAPONTADO

Neio Lúcio

Um menino que desejava ardentemente residir no Céu, numa bonita manhã, quando se encontrava no campo, em companhia de um burro, recebeu a visita de um Bom Espírito.

Reconheceu, depressa, o emissário de Cima, pelo sorriso bondoso e pela veste resplandecente.

O rapazelho gritou:

- Mensageiro de Jesus, quero o paraíso! Que fazer para chegar até lá?!

O Espírito respondeu com gentileza:

- O primeiro caminho para o Céu é a obediência e, o segundo, é o trabalho.

O pequeno, que não parecia muito diligente, ficou pensativo.

O enviado de Deus então disse:

- Venho a este campo, a fim de auxiliar a Natureza que tanto nos dá.

- o menino ficou pensativo. E o Espírito convidou:

- Queres ajudar-me a limpar o chão, carregando estas pedras para o fosso vizinho?

O menino respondeu:

- Não posso.

O emissário celeste se dirigiu ao burro:- Você quer ajudar-me?

O animal pacientemente, transportou tudo.

O Espírito passou a dar ordens: - Abramos um caminho.

- Eu não! Disse o menino.

- Ajudarei... prontificou-se o burro.

-Vamos mover o arado. Sugeriu o Espírito.

-Safa! Não quero nada , disse o menino.

-Eu ajudo... apresentou-se o burro

Durante a sementeira, o pequeno repousava e o burro trabalhava.

Abriram um filete de água.

O jovem, cheio de saúde e de leveza, permanecia amuado, choramingando sem razão.

No fim do dia, o campo estava lindo.

Canteiros bem desenhados surgiam ao centro, ladeados por fios de água benfeitora.

As árvores pareciam orgulhosas de proteger os canteiros. O vento parecia um sopro divino no matagal.

A Lua espalhou intensa claridade.

O Espírito abraçou o obediente animal.

- Deus abençoe sua contribuição, meu amigo, disse o Espírito.

O menino viu que o mensageiro se punha de volta, gritou, ansioso:

- Espírito querido, quero seguir contigo, quero ir para o Céu!...

O emissário divino respondeu, porém:

- O paraíso não foi feito para gente preguiçosa.

E o emissário informou:

Se você deseja encontrá-lo, aprende primeiramente a obedecer com o burro que soube ser disciplinado e educado também.

E assim esclarecendo subiu para as estrelas, deixando o rapazinho desapontado, mas disposto a mudar de vida.

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

ALIÇÃO INESQUECÍVEL

Neio Lúcio

Hilda, menina abastada, diariamente dirigia más palavras à pequena vendedora de doces que lhe batia humildemente à porta da casa.

- Que vergonha! De bandeja! De esquina a esquina! Suma daqui! - gritava, sem razão.

A modesta menina se punha pálida e trêmula. Entrementes, a dona da casa, tentando educar a filha, vinha ao encontro da pequena humilhada e dizia bondosa:

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A mocinha, reanimada, respondia, contente:

- Foi a mamãe.

A generosa senhora comprava sempre alguma coisa e, em seguida, recomendava à filha:

- Hilda, não brinques com o destino. Nunca expulses o necessitado que nos procura. Quem sabe o que sucederá amanhã?

A menina resmungava e, à noite, ao jantar, o pai secundava os conselhos maternos, acrescentando algo:

- Não zombes de ninguém, minha filha! O trabalho, por mais humilde, é sempre respeitável e edificante. Aqueles que socorremos serão provavelmente os nossos benfeitores.

Mas, no dia seguinte, Hilda fustigava a vendedora, exclamando:

- Fora daqui! Bruxa! Bruxa! ...

E a mãe de Hilda sempre acolhia a pequena.

Correu o tempo e, depois de quatro anos, o quadro da vida se modificara.

O paizinho de Hilda adoeceu e debalde os médicos procuraram salvá-lo. Morreu numa tarde calma, deixando o lar vazio.

A viúva recolheu-se ao leito extremamente abatida e, com as despesas enormes, em breve a pobreza e o desconforto invadiram-lhe a residência. A pobre senhora mal podia mover-se.

Privações chegaram em bando. A menina, anteriormente abastada, não podia agora comprar nem mesmo um par de sapatos.

Aflita por resolver a angustiosa situação, certa noite Hilda chorou muitíssimo, lembrando-se do papai.

Oh! Papai... Meu papai...

Dormiu, lacrimosa e sonhou que ele vinha da Espiritualidade confortá-la.

-Papai...Papai...

-Minha filha!

Ouviu-o dizer, perfeitamente:

- Não desanimes, minha filha! Vai trabalhar! Vende doces para auxiliar a mamãe! ...

Despertou, no dia imediato, com o propósito firme de seguir o conselho.

Ajudou a mãezinha enferma a fazer muitos quadradinhos de doce-de-leite e, logo após, saiu a vendê-los. Algumas pessoas generosas compravam-nos com evidente intuito de auxiliá-la, entretanto, outras criaturas, principalmente meninos perversos, gritavam-lhe aos ouvidos:

- Sai daqui! Bruxa de bandeja! ...

Sentia-se triste e desalentada, quando bateu à porta de uma casa modesta. Graciosa jovem atendeu.

- você Hilda ?

- Oh! Eu...

Hilda esperava ser maltratada por vingança, já que era a jovem que noutra tempo vendia cocadas.

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A interpelada lembrou os ensinamentos maternos de anos passados e informou:

- Foi a mamãe.

A ex-vendedora comprou quantos quadradinhos restavam na bandeja e abraçou-a com sincera amizade.

Desse dia em diante, a menina vaidosa transformou-se para sempre. A experiência lhe dera inesquecível lição.

O REMÉDIO IMPREVISTO

Neio Lúcio

Livro A Vida Fala III. Psicografia de Francisco C. Xavier.

A Providência Divina possui os recursos e caminhos
que lhe são próprios para alcançar-nos.

Emmanuel